

A essência de uma Academia

Da fundação da Academia de Atenas, na Grécia, até o surgimento da Anago, a história mostra a importância de preservar o passado e zelar pelos bens mais preciosos que temos: nossa história, memórias e afetos

Por Dr. Antonio Braga e Dr. César Eduardo Fernandes

No amanhecer da reflexão epistemológica sobre nossa humanidade, vencidas as questões essenciais de segurança-alimentação-subsistência, dominados o fogo, a escrita e a mecanização animal, vicejaram os primeiros aglomerados urbanos conhecidos. Nessas pólis, as crenças sobre o mítico-sobrenatural foram as primeiras construções cognitivas mais elaboradas. O culto a divindades criou uma série de liturgias, muitas das quais desenvolvidas em templos dedicados a deuses, por uma plêiade de sacerdotes e devotos.

No bojo desses rituais, foram criados espaços destinados ao ensino da escrita e leitura, fundamentais para a transmissão dos rituais, chamados de *gramatistês*. Todavia, com o encorpar das experiências sociais e a complexidade das relações humanas, tornou-se necessário o desenvolvimento de campos organizados que promovessem a criação e a comunicação dos saberes. Dos modelos mais interessantes dessas instituições seculares, agora não mais diretamente ligadas à religião, registra-se, de modo singular, a Academia de Atenas.

Como instituição mais célebre de seu tempo, a Academia de Atenas, fundada por Platão em derredor de 387 a.C., deve seu nome ao bosque homônimo, localizado nas imediações de Atenas, onde o herói grego Academus, que revelou aos Dióscuros o local exato onde Teseu havia escondido Helena, por ele raptada, foi enterado. Nesse bosque com oliveiras, Platão instalou a primeira Academia, formada por uma biblioteca, residência e jardim, onde se discutiam astronomia, biologia, ciências políticas e filosofia, praticamente todo o conhecimento da época, sendo considerado um modelo de pronto-universidade do Ocidente.

No afamado jardim de Academus foi erigido um altar dedicado à deusa Atena, entronizada como divindade do panteão grego e destinada a cuidar dos rumos da civilização, sabedoria e justiça, sinalando as inspirações para aquele sodalício.

Não obstante o modelo da Academia ter se disseminado pelo mundo greco-latino e vigorado por quase um milênio, as Academias foram fechadas em 529, já na era Cristã, por ordem do imperador romano Justiniano. Isso refletia o pensamento crítico da Idade Média, que tornava a Igreja de Roma a guardiã da ciência e da capacidade reflexiva dos homens daquela época.

Com o Renascimento, logo após a crise do século XIV, no contexto das Grandes Navegações, o acúmulo de novos conhecimentos capitaneados pela Escola de Sagres e o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, que buscava novos valores e saberes, fizeram surgir um ambiente na Europa que valorizava as novas ciências, não apenas no campo náutico, mas também na Medicina, com Vesalius, e na astronomia, com Copérnico.

Esse momento fértil para a pesquisa e a difusão de novas ideias impulsionaram o renascimento das Academias,

Como instituição mais célebre de seu tempo, a Academia de Atenas, fundada por Platão em derredor de 387 a.C., deve seu nome ao bosque homônimo, localizado nas imediações de Atenas

para dar fluxo ao método científico que se entremostrava. O que começou como reuniões nas casas mais ilustres, como a dos Medici, na Florença do século XV, logo evoluiu para sociedades iluminadas como a *Accademia dei Lincei* (em alusão aos linceus e sua visão profunda e mais ampla que a dos demais), fundada por nobres italianos em 1603, onde, por exemplo, Galileu divulgou suas descobertas astronômicas. Da Itália, as Academias floresceram na França e na Inglaterra.

Modernamente, o conceito de Academia foi transmutado pelo Cardeal Richelieu, ao fundar, em 1635, a *Académie Française*, composta por quarenta membros, que passaram a ser designados “imortais” por conta da inscrição “*À l’immortalité*” (“Para a imortalidade”), que se encontra no selo oficial da corporação e que foi ofertado por

Richelieu. Já na Inglaterra, a criação da *Royal Society*, em 1662, fomentou a discussão de temas da atualidade entre filósofos e a troca de correspondências com os principais cientistas europeus, inclusive admitindo membros estrangeiros notáveis em seu bojo.

Para além das trocas de correspondências, o cerne das discussões e descobertas passou a ser divulgado pelas Academias por meio da publicação de periódicos que summarizavam as reuniões. Vinham à lume as primeiras revistas científicas, como o francês *Journal des Savants* e o inglês *Philosophical Transactions*, ambos publicados em 1665, que traziam não apenas a síntese das discussões acadêmicas, como também as correspondências estrangeiras e os livros recém-lançados.

Enquanto em Portugal a primeira Academia científica foi fundada por D. Maria I, em 24 de dezembro de 1779, apelada Academia Real das Ciências de Lisboa, no Brasil, a mesma monarca sufocava as manifestações iluministas da Inconfidência Mineira. Mas não apenas isso: na posição de colônia, o ensino superior era proibido no Brasil, o que, por certo, dificultava a formação de uma massa crítica intelectual nativa.

Esse cenário modifica-se quando da transmigração da corte portuguesa para o Brasil, fugindo das tropas de Junot. Ao aportar em nossas terras, o Príncipe da Beira não apenas elevou o Brasil a Reino Unido, como também abriu os portos às nações amigas e permitiu o ensino superior em nosso país. Ainda em 1808, as primeiras instituições de ensino superior laico e não militar em nosso país foram inauguradas: primeiro em Salvador – Escola de Cirurgia da Bahia –, depois no Rio de Janeiro – Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Com a formação de profissionais autóctones e o contato com os ventos que sopravam do Velho Mundo, criava-se o ambiente ideal para que homens virtuosos se aglomerassem em torno a um ideal de ciência e associativismo.

Eis que em 30 de junho de 1829 é fundada, por iniciativa de Joaquim Cândido Soares de Meireles, sob a acunha de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, o que se

tornaria, em 1835, a Academia Imperial de Medicina, o mais longo sodalício científico brasileiro. Ainda que alguns de seus fundadores tenham se formado médicos no Brasil, grande parte dos que assinaram a ata fundacional graduou-se no exterior (Luiz Vicente de Simoni, na Universidade de Gênova; José Francisco Xavier Sigaud, na Faculdade de Medicina de Estrasburgo; Cruz Jobim, na Faculdade de Medicina de Paris; e João Alvares Carneiro, na Universidade de Lisboa), mostrando a influência da mentalidade europeia na *intelligentsia* brasileira. Em seus estatutos, desde sempre, coube à Academia contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento das práticas da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências afins, além de servir como órgão de consulta do Governo brasileiro sobre questões de saúde e de educação médica. Em um momento em que não havia sociedades médicas científicas e as especialidades ainda não estavam organizadas, era a Academia Imperial de Medicina o farol a iluminar toda a sociedade brasileira nos assuntos da Arte Médica.

Desde 1830, a Academia Imperial de Medicina publica seus Anais, que é considerado o periódico científico mais antigo do país, com circulação ininterrupta. Com a promulgação da República, a Academia Imperial foi redesignada Academia Nacional de Medicina, sendo a árvore-mãe de todas as Academias médicas do Brasil. Sendo o pináculo olímpico das instituições médicas de nosso país, a academia é constituída de 100 membros titulares das honrosas cadeiras acadêmicas, demais dos eméritos que ascenderam a essa condição após décadas servindo aos ideais acadêmicos. Inspirada no modelo europeu de Academia, a Academia Nacional de Medicina possui ainda membros honorários nacionais, internacionais e correspondentes.

Um pouco mais jovem, mas igualmente notável, a Academia Brasileira de Letras, casa de Machado, forjada já sob o manto republicano, fundada que foi em 1897, tem entre seus membros titulares 40 integrantes, além de 20 sócios estrangeiros. Esses “Quarenta”, também chamados de “Imortais”, espelham a *Académie française* de Richelieu.

Com um país continental como o Brasil, era de esperar que Academias Médicas regionais fossem organizadas. Assim, muitos estados da federação organizaram suas Academias, sendo a mais antiga a Academia de Medicina de São Paulo, fundada em 7 de março de 1895, sob a alcunha de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Essas Academias estaduais organizaram-se sob a chancela da Federação Brasileira das Academias de Medicina, fundada em 1986.

Fenômeno mais recente tem sido a criação das Academias ligadas às especialidades. Com o advento dos marcantes avanços na ciência hipocrática na segunda metade do século passado, houve uma proliferação das especialidades médicas, refletindo a complexidade da diagnose e terapêutica envolvidas na Arte de Curar.

Surge, assim, no dia 23 de junho de 2023, a Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia (Anago). Forjada para ser a guardiã da história da tocoginecologia brasileira, de suas tradições e memória

Nesse sentido, coube às sociedades de especialidades, que em nossos país estão congregadas no seio da Associação Médica Brasileira, estabelecer os parâmetros de boa prática, consoante a melhor evidência científica. Assim, o que caberia a uma Academia Médica vinculada a uma especialidade?

No *lato sensu*, e considerando as raízes imemoriais da Academia de Platão e seu compromisso com a virtude e excelência, uma Academia Médica florescida em uma especialidade não deve se confundir com a própria associação científica. Não obstante a Academia cultue a ciência, sua lente objetiva deve focar em valores intangíveis nesses espaços, em especial aqueles ligados à ética para além da deontologia, à memória para além da própria história, para a preservação do *ethos* para além da própria identidade.

Nesses dias em que a busca da excelência no exercício profissional é a meta do médico cioso e que as sociedades de especialidade se veem devotadas à educação médica profissional, à formação e à certificação dos especialistas e à compilação de tratados de boas práticas, faltava em seu *core* um grupo de médicos que tivessem a sensibilidade para cuidar daquilo que é atemporal, imaterial e essencial para a prática médica e as associações em geral.

Surge, assim, no dia 23 de junho de 2023, a Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia (Anago). Forjada para ser a guardiã da história da tocoginecologia brasileira, de suas tradições e memória, nasce homenageando os próceres dessa especialidade, granjeando para si mulheres e homens cuja virtude os fez dignos de representar os valorosos ginecologistas e obstetras brasileiros. Em sua missão fundamental, deve a Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia promover o estudo, a divulgação da história da ginecologia obstétrica em nosso país, as pessoas que construíram essa história e as instituições onde vicejou o melhor dessa especialidade.

Conquanto noviça, nasce a Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia com enorme peso sob seus ombros, mercê da história de seus baluartes, da importância de sua Arte e do compromisso assumido com nossa sociedade de zelar pelos bens mais preciosos que temos: nosso sentido de humanidade e nosso propósito hipocrático milenar de curar sempre que possível, aliviar quando necessário e consolar sempre!

Que seja venturosa a seara por onde caminharemos e que possa nossa Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia ser bafejada por ventos favônios, nunca nos faltando o propósito platônico da busca do conhecimento (a verdade) e da metafísica (o ser), rumo à excelência humana e à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Vida longa à Academia Nacional de Ginecologia e Obstetrícia. 